

A Investigação e as Redes – a impossível separação

Fernando Campos, PhD
Professor de Ciência Política
Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias
Lisboa – Portugal
Member of the International Association of Political Science
fernando.campos@ulusofona.pt

1- A Relevância da Investigação

Quando se fala em investigação, deve-se ter em conta que a mesma implica caminhar através de uma experiência pessoal e profissional com algum grau de complexidade. É evidente que, a investigação é uma actividade, que requer a existência de uma certa disciplina entre o pensar e o agir.

A palavra *investigação* significa em diferentes dicionários: “seguir os vestígios de”, “pesquisar”, “empenhar-se em descobrir”, “proceder a diligências”. Todos estes significados pressupõem que exista alguém que ponha em prática esses significados. Esse alguém é o(a) investigador(a), ou seja, *aquele que toma o acto de*.

Sejam quais forem os significados da palavra investigação, torna-se importante perceber, que o exercício da mesma pressupõe “um delicado equilíbrio entre a aplicação de normas mais ou menos preestabelecidas pelo método e uma certa dose de criatividade e originalidade” (Vilelas, 2009, p. 11).

A investigação científica é essencial para qualquer professor universitário. Necessita dela, para que, a sua acção como educador não fique confinada a um vazio de conhecimentos, restando apenas, o que aprendeu quando se doutorou.

Os investigadores devem investir cada vez mais na sua formação, tendo em conta que, essa formação pressupõe não só dominar conceitos teóricos da área de estudo, mas, também, deve incidir na procura de novos conhecimentos científicos.

Esta formação poderá contribuir para que as pessoas (investigadores), cada vez mais aprofundem o sentido crítico no que é produzido cientificamente por outros investigadores.

Por outro lado, a investigação científica implica romper com saberes standarizados, dogmáticos e tidos como não passíveis de serem complementados.

De acordo com Vilelas (2009, p.12) “ não é possível criar novos conhecimentos acerca de um tema ou resolver os pequenos e os grandes enigmas do nosso mundo, sem intuição e imaginação, se não se explorarem de mente aberta, os diversos caminhos que podem levar a uma resposta”.

A investigação científica é dinâmica, não é sazonal, ou cíclica, está sempre em movimento, porque, sempre se deixa em aberto, a possibilidade de se encontrarem novos dados, tornando os anteriores - válidos é certo - mas, incompletos.

Torna-se interessante perceber que quando se fala em investigação, se deve ter em conta que o acesso à informação, torna a referida acção mais eficaz e mais concertante.

No passado recente, a obtenção de informação, era entendida como uma conquista individual, que trazia para o próprio dividendos, que, num mundo tão competitivo – não só nos aspectos económicos, mas, na investigação também – trazia para o investigador o beneplácito de ter encontrado algo

novo, que não poderia partilhar com ninguém, pois se tal acontecesse, o seu prestígio poderia ser posto em causa.

Convém lembrar que, a investigação científica, se pode desenvolver de forma individual, na preparação de dissertações de mestrado, teses de doutoramento, ou, através de um grupo de pesquisa inserido num Centro de Investigação, ou, num Observatório – por exemplo. Mas, com o desenvolvimento cada vez maior das tecnologias da comunicação e informação – fruto da contínua revolução tecnológica globalizada – a quantidade de informação produzida e adquirida é cada vez maior em diferentes áreas do saber, contribuindo para o crescimento e desenvolvimento de um país. Daí a necessidade da criação de *Centros* ou *Unidades de Investigação*, que congreguem diferentes investigadores de diferentes áreas do saber, que – como já se referiu – devido ao crescente número de investigação produzida e a um aumento de um número cada vez maior de “produtores” de saberes, a criação desses núcleos de investigação, - onde o individual se transforma em colectivo -, se tornou, mais que uma necessidade, uma exigência, em prol de maior rigor e de partilha da informação, dando origem a um cada vez maior trabalho de equipa na realização de projectos, fruto das contribuições individuais, mas, convertidas em trabalho colectivo. É evidente, que não se põe em causa a autonomia de cada pessoa para desenvolver investigação. Contudo, como já se referiu, além do trabalho apenas individual correr o risco de ser redutor, “outra consequência do fechamento sobre si ligado à autonomia é o facto de o campo científico obedecer a uma lógica que não é a de um campo político”. (Bourdieu, 2004, p.79).

Bourdieu apresenta a preocupação de o investigador individual se deixar seduzir pela exigências do afirmar-se enquanto investigador e ao mesmo tempo cidadão que faz parte da sociedade civil e por isso mesmo, ou, também por isso lhe possa ser difícil distanciar-se daquilo que são os interesses pessoais e o que são as estratégias científicas capazes criar Centros de Investigação, onde na verdade aparecem resultados colectivos,

mas, esses resultados só são possíveis porque existe a conjugação de múltiplas contribuições individuais.

Exemplos disso, veja-se o que acontece em Centros de Excelência, em Portugal, como é o caso da “Fundação Champalimaud”, em Lisboa, na qual, a investigação desenvolvida por investigadores nacionais e internacionais tem mudado o paradigma da investigação em Portugal, projectando-se além fronteiras.

Outros Centros, ou Unidades de Investigação, têm desenvolvido importante trabalho científico colectivo, como os existentes no *ISCTE-IUL*; *CES de Coimbra*, as *Universidades de Aveiro e Minho*, como também a investigação que está a ser desenvolvida no *CICPRIS – Centro de Investigação em Ciência Política, Relações Internacionais e Segurança*, que faz parte da Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias de Lisboa, que, embora este Centro tenha sido recentemente criado, está a desenvolver um conjunto de actividades que potenciam a investigação, não só a nível da própria Universidade Lusófona, mas, também de outras Universidades portuguesas e estrangeiras, através de “redes de investigação” – tema que se falará mais adiante.

Não nos podemos esquecer, que a investigação científica é um pilar importante para o crescimento e desenvolvimento de um país, no sentido de equacionar os problemas e de encontrar pistas que ajudem os decisores sobre qualquer tema estruturante do país, a tomar as decisões que vão ao encontro do bem comum – como fim de qualquer Estado.

2 – Investigação e as redes – um novo paradigma de impossível separação

A comunidade científica, na sequência do dinamismo anteriormente referido, tem de trabalhar em rede e deixar de ver a investigação científica, como um *nicho*, uma *capelinha*, que os outros não podem saber, porque nos podem copiar, ou, antecipar-se a nós, no avanço da investigação.

No século XXI, esta situação é incompreensível, embora se tenha de “remar contra a corrente”, uma vez que, neste mundo neoliberal, tudo aponta para o individualismo. Temos necessidade de trabalhar em conjunto, com outros, que desenvolvem as mesmas áreas ou áreas diferentes, os mesmos temas ou temas diferentes, com o intuito de não correremos o risco de circularmos à volta de nós próprios. Trabalhar em rede, não só contribui para uma maior eficácia da investigação científica, como também, permite que tenhamos a contribuição de várias perspectivas de análise do fenómeno estudado e por isso mesmo, a síntese feita é o somatório das diferentes contribuições. A rede permite isto.

Quando se fala na criação de “redes de investigação” deve-se ter em conta que as mesmas são constituídas por conjuntos de pessoas, com experiências e formações diversas. Deve-se ter consciência que, por vezes, se torna difícil tornar isto realidade, devido – como já exaustivamente se disse – ao individualismo cada vez mais acentuado nas sociedades.

Contudo, apesar destes e de outros constrangimentos, o desenvolvimento de “redes de investigação” deve prosseguir, tendo em linha de conta as necessidades cada vez maiores de ampliar o conhecimento científico – pelo que já foi dito – que resulta da diversidade de investigadores, com as diferentes áreas, diferentes culturas e formas de estar, já para não falar de problemas semelhantes, quer a nível político, económico e social, muito enriquecem, pela diversidade a investigação.

Neste sentido, a criação de “redes de investigação” deve ter em conta a aposta feita nessa diversidade, de modo a alargar e aumentar o que se aprende e inova.

Nesta perspectiva, o progresso científico e tecnológico dependem cada vez mais da construção e implementação de trabalho científico colectivo. Refira-se ainda, que, para se desenvolver uma investigação se torna necessário não esquecer o que a torna operacional – os(as) investigadores(as).

Sem “massa crítica” preparada, em número significativo, torna-se complicado desenvolver investigação. Para além dos recursos humanos preparados e em número considerável, há que ter em conta os outros recursos que, sem eles a investigação pode ser posta em causa - são os recursos financeiros.

Várias Universidades estão a passar por estes constrangimentos, ou seja, apesar de existir “massa crítica” significativa e bem preparada, a fraca ou mesmo não existência de recursos financeiros significativos, têm posto em causa diferentes projectos de investigação.

Existem por vezes situações, em que a “massa crítica” é reduzida em alguns países, ou, os recursos são exíguos, aí a investigação pode estar em causa. Nestas situações, o apelo ao trabalho em rede se torna imperioso, não só valorizando aquilo que individualmente é produzido, mas também promovendo um conjunto de competências adquiridas resultantes dos trabalhos desenvolvidos por Centros ou Unidades de Investigação, enquanto produtores de “saberes” colectivos.

As novas tecnologias – como é o caso da internet – desempenham um papel importantíssimo como ferramentas essenciais à investigação nos finais do século XX e no deambular do século XXI.

De acordo com Pedro Veiga, “as redes de investigação e de ensino foram as precursoras da actual Internet. Foi graças a estas redes que os protocolos de comunicação desenvolvidos na ARPANET, o TCP/IP, se massificaram e acabaram por ter o sucesso que os tornou a base da Internet.

As primeiras redes de investigação e ensino foram criadas nos EUA, Canadá, Reino Unido, Alemanha, França, Holanda e países escandinavos mas rapidamente se foram estendendo a outros países desenvolvidos na segunda metade da década de 80 do séc. XX¹.

Portugal também participou destes “sinais dos tempos” no que às “redes de investigação” diz respeito.

“Portugal não esteve alheio a esta evolução, mas só no início dos anos 90 a rede de investigação e ensino nacional veio a consolidar-se. Foi com as iniciativas lançadas na sequência da aprovação do Livro Verde para a Sociedade da Informação em Portugal, em 1997, que a rede de investigação e ensino nacional, a RCTS (Rede Ciência Tecnologia e Sociedade) deu passos mais sólidos e se veio a estender a todo o sistema de investigação e de ensino, sendo uma das redes de maior abrangência a nível mundial ao incluir todo o sistema público de ensino, do superior ao 1º ciclo do ensino básico”².

A criação de redes de “investigação e desenvolvimento” proporcionam a possibilidade de transferência de conhecimentos, competências e tecnologias entre os Centros, as Unidades de Investigação e as Universidades cooperantes.

Salienta-se o facto, de a existência de redes possibilitar também a mobilidade entre alunos, professores e investigadores, possibilitando assim uma troca de experiências e de conhecimentos, que são sem sombra de dúvida, uma mais valia para a investigação. Um exemplo disso é o “Programa Erasmus”, a nível Europeu, que possibilita essa mobilidade académica.

¹ http://www.apdsi.pt/uploads/news/id546/3.9_pedro%20veiga_070626.pdf

² Idem.

Parece-me relevante, que a mobilidade referida, se torna catalisadora de financiamentos anuais, plurianuais, ou outra modalidade por parte de agências financiadoras.

Em Portugal, por exemplo, a “FCT – Fundação para a Ciência e Tecnologia”, instituição ligada ao “Ministério da Educação e Ciência”, financia projectos de investigação que obedeçam a determinados critérios, sendo relevante, por exemplo, a cooperação entre diversos Centros ou Unidades de Investigação e Universidades nacionais e/ou estrangeiras, bem como, a fomentação da mobilidade.

É evidente que, quando se fala de financiamento, as coisas, não são, apesar de tudo, tão simples assim. As instituições que lideram as actividades desenvolvidas em rede, nos países considerados mais desenvolvidos, tendencialmente têm acesso a financiamento que lhes permite criar os designados Centros de Excelência, - como o caso da já referida “Fundação Champalimaud”, em Portugal – em áreas de relevância científica e tecnológica.

Pelo que se tem referido, o crescimento e a competitividade de um país, dependem de vários factores, contudo, não se pode esquecer os recursos humanos disponíveis, bem como o “capital intelectual”.

O bem-estar dos países está (ou pelo menos tem estado) intimamente ligado ao esforço desempenhado pela importância dada - cada vez em maior número – ao crescimento e desenvolvimento, em consequência dos progressos registados no domínio da investigação científica.

Os contributos dados pela chamada “sociedade da informação”, na perspectiva de ser reflexo da inovação científica, têm sido o ponto catalisador de sociedade cada vez mais global e por isso mesmo, ou, em consequência disso, mais próxima, naquilo que de benéfico tem.

A facilidade com que a informação é trocada entre as pessoas, conhecidas e desconhecidas, quer através das designadas “redes sociais”, quer através de

outras formas de circulação de informação, têm permitido que o Ser Humano possa quase ser “omnipresente”, não estando contudo presente.

As redes de investigação científica têm usufruído desta inovação na comunicação. Investigar, tornou-se no século XXI, uma forma privilegiada de pôr em funcionamento as ferramentas que sendo fruto do progresso, servem para que o(a) investigador(a) possa ir mais além.

O crescimento e desenvolvimento dos países, são fruto dos desafios que a competitividade lança na já referida “sociedade da informação”.

Esta competitividade está directamente relacionada com dois pilares importantes, os “recursos humanos” disponíveis e a existência de um “capital intelectual”.

É evidente, que, para haver “capital intelectual” é necessário que haja investimento, sendo este, aplicado ao presente, prospectiva o futuro.

Poder-se-á dizer que a aposta na investigação é uma mais valia para qualquer país e a aposta nas redes electrónicas como instrumentos de divulgação dos resultados da investigação realizada, contribui para que a mais pessoas possam chegar esses resultados, sendo que, para uns, significará apenas mais conhecimento, enquanto que, para outros significará a possibilidade ter um ponto de partida para aprofundamento dos dados disponibilizados.

Neste mundo global, assiste-se a um interesse cada vez maior por parte dos jovens em aproveitar as “redes de comunicação”, as redes de investigação para participarem como autores e actores na sociedade do progresso e da inovação que o século XXI proporciona e oferece.

As ferramentas disponíveis são uma mais valia que devem ser aproveitadas, para delas se tirar o máximo proveito.

Retomando a questão do investimento na investigação, poder-se-á inferir que o mesmo poderá ser um sério contributo para combater por um lado a

iliteracia – o novo analfabetismo – e por outro, contribuir para a criação de empregos, proporcionar às populações qualidade de vida, proporcionando a criação de quadros que tão importantes são para o funcionamento das economias das sociedades modernas.

Constitui um factor de extrema importância, o facto de, para que a investigação possa ser mais robusta e mais aliciante, o desenvolvimento do trabalho em equipa. É basilar o esforço colectivo para desenvolver a investigação em diferentes ramos do saber. As redes são uma ferramenta importantíssima para o trabalho colectivo. O produto que se obtém, torna-se sem dúvida, mais rico e a própria rede permite que o mesmo possa de forma mais rápida e mais eficaz ser divulgado.

Trabalhar em equipa não é fácil. Mesmo ao nível das Universidades, dos Centros de Investigação, há por vezes resistência ao trabalho conjunto. A investigação singular, aparece como uma forma vencer a insegurança do(a) investigador(a), na medida em que, por vezes o trabalho em equipa pode ser denunciador das fragilidades e das incapacidades de alguns(mas) investigadores(as).

Retomando a questão das redes, reforçando tudo aquilo que já foi referido, saliento, que as mesmas permitem não só o desenvolvimento da investigação, como também a divulgação dos resultados da mesma quer às populações, quer às empresas.

As inovações tecnológicas operadas nas “redes de investigação”, têm contribuído para que o conhecimento científico atinja o patamar da globalidade.

A sociedade está a mudar e com ela – ou por causa dela – o ritmo dos novos conhecimentos, fruto do aperfeiçoamento cada mais dos instrumentos comunicação e informação. Os telemóveis, ou celulares – como são conhecidos por exemplo no Brasil – estão sempre desactualizados. Todos os dias – ou quase todos – surgem inovações e aplicações que fazem com que o que foi adquirido recentemente, fique em breves instantes, desactualizado.

É necessário fazer uma discussão a sério sobre o poder e a importância das redes de investigação e dos instrumentos ou ferramentas, que permitem que a investigação científica ultrapasse as barreiras do individualismo, da iliteracia, que fomente cada vez mais o trabalho em equipa e os contributos que as redes de investigação podem imprimir a globalização do conhecimento tão pertinente e tão necessária à construção de uma sociedade cada vez mais desenvolvida e mais esclarecida, no deambular do século XXI.

Aquilo que, nos encontros sobre “redes de investigação” deve acontecer é um incentivo à partilha de saberes e que os mesmos não fiquem fechados, compartimentados, como que revestidos de um dogmatismo tal, que permaneçam à partida impossibilitados de discussão ou de serem complementados.

O encontro em Medellin como outros que se realizem a este propósito, são, para além de pertinentes, urgentes.

O desenvolvimento de “redes de investigação”, são, por tudo o que se disse e o que ainda não se disse, um contributo imprescindível para a aquisição e reforço de conhecimentos em todos os domínios científicos, proporcionando o incremento do espírito crítico e criativo.

A estratégia da comunidade científica deve consistir no aproveitamento que as novas tecnologias trazem ao cenário cada vez mais exigente duma “sociedade da informação” também ela própria em constante mutação e evolução.

A exigência cada vez maior, por parte dos sistemas educativos dos países europeus e não só, para que se desenvolva nas Universidades, a investigação, condicionando a continuidade e a aprovação de novos cursos, consoante a investigação desenvolvida e/ou a desenvolver, permite que, a comunidade científica tendencialmente se organize.

As Universidades, enquanto espaços de produção de saberes, têm uma responsabilidade acrescida neste domínio. Não só devem promover a investigação, como devem inculcar nos docentes e discentes a responsabilidade que têm no processo de investigação, tendo o dever de colocar ao dispor destes, ferramentas que possam ajudar nestes propósitos, bem como, fazer a apologia ao trabalho em rede e em equipa, com as consequências benéficas que daí advêm.

Os desafios são muitos e cada vez mais exigentes. Temos de seguir em frente e não olhar para trás.

Nesta linha de pensamento, torna-se importante referir que, para que haja investigação científica de qualidade, reconhecida interna e externamente, torna-se necessário investir. Este investimento, pressupõe criar condições ao (à) investigador (a), que passam, entre outras coisas, haver um espaço físico para que se possa fazer investigação; ter acesso fácil às “redes de comunicação”; ter uma biblioteca especializada e actualizada nas áreas sobre as quais incide a investigação; a possibilidade de financiamento para deslocações do(a) investigador(a) dentro do país ou fora deste, sempre tais deslocações sejam imprescindíveis para a investigação. Estas são algumas das condições básicas para o desenvolvimento de uma investigação científica, com o mínimo de qualidade exigida quando se leva a sério a investigação científica.

Contudo, não nos podemos esquecer de uma questão que parece pertinente: a investigação parte do Homem e tem como destinatário – em última instância – o próprio Homem.

A “Tecnologias da Informação e Comunicação” (*TIC*), assumem um papel importante e fundamental na investigação científica no século XXI. Em todas as áreas do saber, as (*TIC*) são usadas com mais ou menos incidência, tendo em conta que investigação está a ser desenvolvida, mas, de uma forma ou de outra são utilizadas e ninguém envolvido com a investigação, consegue, ou pode abstrair-se. Ao afirmar esta relação envolvente das (*TIC*) com a

investigação, não estou a dizer que a mesma seja um mal necessário, antes pelo contrário, é um bem necessário e imprescindível para a investigação dos tempos modernos. Sem as (TIC), dificilmente quem investiga teria acesso privilegiado a informação actual, pertinente e instantaneamente necessária para o desenvolvimento e maturação da investigação empreendida.

A sociedade do século XXI pretende ser e deve ser, uma sociedade que aposte verdadeiramente nas (TIC), nas aplicações multimédia e noutros vectores relacionados. Este é um dos grandes desafios que se põe à sociedade moderna: construir e solidificar uma verdadeira “Sociedade da Informação e Comunicação”.

Para que se construa uma sociedade cujo desenvolvimento seja sustentado, torna-se imperioso, que a mesma construção tenha como um dos seus pilares, as (TIC).

Contudo, isto só faz sentido, se for universal, ou seja, se todos os países poderem participar nesta “Sociedade da Informação e Comunicação”, sabendo que, nos países desenvolvidos, o crescimento destes, conseguido em parte, pela aposta no investimento público e privado, na ciência e, na tecnologia – infelizmente, esta não é a realidade geral. Aí sim, se formaria uma grande “Rede de Informação e Comunicação”, tornando-se assim, em sentido pleno, a concretização de uma “Sociedade Global”, enquanto ponto de encontro de culturas e saberes, tornando concretizável, numa dimensão evolutiva, o sonho de *McLuhan* que na década de 60, do século XX, falava da “aldeia global”.

Pelo que foi apresentado, as “redes de investigação”, assumindo elas diferentes prerrogativas, têm no cenário da investigação científica no século XXI, um papel imprescindível.

Sendo assim, torna-se impossível falar de investigação científica, sem falar de “redes” – a separação é impossível.

Bibliografia consultada:

Albarelo, L. (et al).(1997). *Práticas e Métodos de Investigação em Ciências Sociais*. Lisboa: Gradiva – Publicações Lda.

Bell, J. (1997). *Como Realizar um Projecto de Investigação: um guia para a pesquisa em Ciências Sociais e da Educação*. Lisboa: Gradiva – Publicações Lda.

Bourdieu, P. (2004). *Para uma Sociologia da Ciência*. Lisboa: Edições 70, Lda.

Ghiglione, R. & Matalon, B. (1993). *O Inquérito: teoria e prática*. Oeiras: Celta Editora, Lda.

Nunes, A.S. (1981). *Questões Preliminares sobre as Ciências Sociais*. 10ª edição. Lisboa: Editorial Presença, Lda.

Sampieri, R.H. (et al). (2006). *Metodologia de Pesquisa*. 3ª edição. São Paulo: McGraw-Hill.

Silva, A.S. & Pinto, A.M. (Orgs). (1986). *Metodologia das Ciências Sociais*. Col. Biblioteca das Ciências do Homem/Sociologia, epistemologia/6. Porto: Edições Afrontamento.

Vilelas, J. (2009). *Investigação: o processo de construção do conhecimento*. Lisboa: Edições Sílabo, Lda.

Webgrafia

http://www.apdsi.pt/uploads/news/id546/3.9_pedro%20veiga_070626.pdf